UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

NÍCOLAS BOLDT

DRAMATURGIA ANÔNIMA:
COMPORTAMENTOS RESTAURADOS, HUMOR E DEMARCAÇÃO NO 4CHAN

PORTO ALEGRE
2025

NÍCOLAS BOLDT

DRAMATURGIA ANÔNIMA:
COMPORTAMENTOS RESTAURADOS, HUMOR E DEMARCAÇÃO NO 4CHAN

Monografia apresentada no curso de graduação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul para Bacharelado em Ciências Sociais.
Orientação: Prof. Vi Grunvald.

PORTO ALEGRE
2025

NÍCOLAS BOLDT

DRAMATURGIA ANÔNIMA:
COMPORTAMENTOS RESTAURADOS, HUMOR E DEMARCAÇÃO NO 4CHAN

Aprovado pela banca examinadora:

_____

Profa. Vitória Grunvald

Orientadora

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

_____

Prof. Everton Garcia da Costa

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

_____

Prof. Glauco Batista Ferreira

Universidade Federal de Goiás

_____

RESUMO

Este trabalho consiste de uma análise do website 4chan, com foco na board /b/, a partir de uma abordagem etnográfica digital orientada pela teoria da performance, tomando como referência central o conceito de “comportamentos restaurados” de Richard Schechner. Partindo da compreensão do site como uma ecologia performativa marcada pelo anonimato, pela efemeridade e pela repetição ritualizada de práticas discursivas, a pesquisa investiga como humor, agressividade e atenção operam como mecanismos de regulação social e demarcação de pertencimento, através de análises de cenas exemplares. Sustenta-se que, apesar de ser um espaço caótico e de normas informais, o 4chan funciona segundo uma dramaturgia própria, na qual discurso e entretenimento se confundem, e onde a repetição de rituais estabiliza fronteiras simbólicas mesmo na ausência de identidades persistentes.

Palavras-chave: Etnografia digital, Performance, Anonimato, Cultura digital.

ABSTRACT

This study consists of an analysis of the website 4chan, with a focus on the /b/ board, through a digital ethnographic approach informed by performance theory, taking Richard Schechner's concept of "restored behaviors" as a central reference. Understanding the site as a performative ecology marked by anonymity, ephemerality, and the ritualized repetition of discursive practices, the research examines how humor, aggressiveness, and attention operate as mechanisms of social regulation and boundary-making through the analysis of exemplary scenes. It argues that, despite being a chaotic space governed by informal norms, 4chan functions according to its own dramaturgy, in which discourse and entertainment become intertwined, and where the repetition of rituals stabilizes symbolic boundaries even in the absence of persistent identities.

Keywords: Digital ethnography; Performance; Anonymity; Digital culture.

Glossário

Anime: animações japonesas.

Anon: abreviação de Anonymous, como os usuários do 4chan chamam a si e aos colegas de site. Comumente é usado de forma satírica para se referir a um usuário do site como se fosse o primeiro nome.

/b/: board "/b/ - Random" do 4chan. Dentro da "Random" vale discutir qualquer assunto. Board mais ativa e mais infame do 4chan.

Board: nome dado a um fórum temático de website imageboard. Uma board é o delineador de um assunto, que pode ir de videogames a literatura a atividades paranormais. No 4chan (e na maioria dos chans), boards são divididos por letras e barras: /a/ para Anime, /v/ para Videogames, etc.

Chan: site no formato chan, um imageboard. Existem dezenas, muitos extintos. 4chan é o mais famoso e mais ativo.

Copypasta: grafia satírica de "copy/paste", copiar e colar em computadores. Expressão comumente usada para se referir a um texto que foi copiado e colado de outras postagens ou espaços. Às vezes pode ser um texto modificado mas ainda reconhecível.

Fag/Faggot: Gíria anglófona, traduzida no texto como "viado", que é utilizada no 4chan de forma ambivalente: tanto como um insulto homofóbico quanto como um cumprimento irônico ou uma forma de identificação entre os *anons* (ex: *newfag*, *oldfag*).

Fandom: termo usado coloquialmente e até em recentes estudos sociais (Jenkins, 2013) para se referir a grupos organizados de fãs de cultura pop, online e offline. Fandoms são separadas por propriedades intelectuais; ex: a fandom de Star Wars tende a discutir primariamente Star Wars e paratextos desta franquia.

Femanon: Anon de gênero feminino.

Femboy: Gíria anglófona, tipicamente um indivíduo de gênero masculino que adota uma estética feminina. Similar a “trap”, mas não depreciativo.

Imageboard: formato dos websites chan. Fóruns que permitem a postagem de texto e imagens, geralmente em anonimato.

Lurk Moar: grafia satírica para a expressão lurk more, literalmente “espreite mais”, uma chamada para o leitor autonomamente observar e pesquisar mais sobre o assunto em vez de depender de explicações de outros *anons*.

Meme: coloquialmente uma versão simplificada do conceito homônimo de Richard Dawkins (2017), aqui usado para se referir a qualquer conteúdo viral facilmente replicável, geralmente de cunho cômico.

Newfag: alguém identificado como “novo usuário” do chan por ter demonstrado falta de domínio de alguns termos, pautas ou discursos.

Normie: indivíduo que não possui o conhecimento técnico e cultural para participar das atividades ou contribuir de forma ativa em espaços online. O outro. Alguém que não é terminalmente online e não domina o léxico ou as etiquetas de (certos) espaços digitais. Alguém com opiniões e gostos rasos e básicos. Termo muito usado no 4chan, mas não exclusivo deste.

Oldfag: Oposto a *Newfag*. Usuário antigo do 4chan que demonstrou domínio dos códigos, jargões e etiquetas do site.

Passar/Passabilidade ("Pass"): termo usado para descrever quando uma pessoa transgênero é percebida pela sociedade como pertencente ao gênero com o qual se identifica, sem que os outros a leiam como trans.

Shitpost: Postagem de baixo esforço, muitas vezes confusa, provocativa ou sem sentido claro, feita para gerar movimento, humor ou reação online.

Thread: Tópico de discussão iniciado por um usuário em uma *board*, que contém uma imagem e texto. É a unidade básica de conversação que sobe e desce na lista da *board* conforme recebe novas respostas.

Trap: Gíria anglófona, geralmente depreciativa. Uma “armadilha”. Se refere a uma pessoa que "passa" como um gênero diferente, como um homem que se apresenta de forma afeminada.

Troll: Indivíduo online que age com objetivo de provocar, irritar, desestabilizar ou enganar outros usuários. Um “bully” digital.

Wojak: Modelo de meme comum no 4chan. Uma figura masculina simples e sem cor, usada para expressar uma variedade de emoções e estados de espírito. Estilo gráfico recorrente que serve como base para caricaturas, sendo frequentemente combinado com outros elementos para produzir humor, repulsa ou choque.

Sumário

Glossário....6
Introdução....10
1. Espreitando....13
1.1. “Espreitar”....13
1.2. Etnografia digital....14
1.3. Performance como lente....16
1.4. 4chan na prática....17
2. notafemboi precisa espreitar mais....21
2.1. Oi, sou novo por aqui....21
2.2. Anonimato é etiqueta....24
2.3. Performances corretivas....25
2.4. Hierarquias anônimas....27
3. You Laugh, You Lose [Você Ri, Você Perde]: a economia da atenção....29
3.1. Faça-me rir....29
3.2. Postagem inicial como frame....30
3.3. YLYL como palco....32
3.4. Atenção e a resposta como moeda performativa no /b/....33
3.5. Performance discente....36
4. TITs or GTFO [Tetas ou Caia Fora]....39
4.1. Um ritual imediato....39
4.2. “Não existem mulheres na internet”....41
4.3. Justificativas e contradições....42
Conclusão....45
Referências Bibliográficas....49

Introdução

Se você já ouviu falar do 4chan, provavelmente não foi nada de bom. O site é conhecido há quase duas décadas como o "esgoto da internet"[1], um dos espaços mais infames da cultura digital contemporânea. Ele é lembrado como origem de memes icônicos, de controvérsias intermináveis e de algumas das campanhas de *trollagem* mais agressivas já registradas online. Essa reputação produz em torno do 4chan um misto de fascínio e repulsa: para quem nunca o utilizou, o site parece ao mesmo tempo misterioso e perigoso — um território de caos, anonimato e violência simbólica, onde "boa coisa não deve ser".

Mas o 4chan é, antes de tudo, apenas um site. Um site estranho, sim, com certeza um espaço tóxico, mas também banal em seus mecanismos técnicos: um imageboard dividido em *boards* (quadros temáticos), com *threads* (tópicos) que sobem e descem conforme recebem respostas, e com um fluxo contínuo de imagens, piadas, discussões e disputas. O que o distingue não é a tecnologia — relativamente simples — mas a subcultura que se formou sobre essa infraestrutura. É na camada interativa — improvisada, ritualizada e altamente repetitiva — que repousa a especificidade do 4chan. Uma subcultura marcada pela irreverência, pela agressividade performativa e por uma lógica própria de humor, sociabilidade e conflito. Um espaço que surgiu antes da hegemonia das redes sociais Web 2.0[2] e que, de certo modo, preservou um modo de interação que se tornou raro: efêmero, anônimo, descentrado, sem perfis, curtidas ou históricos.

Por que, então, estudar o 4chan? Porque ele permanece um dos laboratórios mais influentes de produção cultural da internet. Mesmo quando não é visível, o 4chan age a partir das margens como um motor subterrâneo de estilos discursivos, repertórios de humor e formas de antagonismo que se espalham pelo ecossistema digital mais amplo. Muitos dos padrões de performatividade masculinizada,

1. LIMA, C. "Esgoto da internet": fórum de extrema-direita 4chan sai do ar após ataque. Disponível em: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/esgoto-da-internet-forum-de-extrema-direita-4chan-sai-do-ar-apos-ataque/>. Acesso em: 15 nov. 2025.

2. A distinção entre Web 1.0 e Web 2.0 refere-se a uma mudança de paradigma técnico e participativo na internet, em que a circulação de informações, antes distribuída por inúmeros sites e iniciativas autônomas, passa a se concentrar em grandes plataformas e redes corporativas que mediam e controlam a produção e o acesso aos conteúdos. Ex: Facebook, Amazon, Google.

narrativas políticas e dinâmicas de conflito que hoje circulam em outras plataformas — de Reddit a Twitter/X, de TikTok a Instagram — foram gestados e testados no 4chan primeiro. O site é um produtor de afetos, discursos e performances que, embora pareçam restritos a um nicho, transbordam para a cultura digital mainstream. Entender o 4chan é, portanto, entender uma parte significativa da gramática da internet contemporânea, em especial a mais radicalizada.

Este trabalho se dedica a isso. Não pretende mapear toda a complexidade do site, mas *espreitar* — como o próprio jargão nativo recomenda — algumas de suas cenas exemplares. A partir de uma etnografia digital situada e de uma abordagem da performance inspirada em Richard Schechner, busca-se compreender como certos rituais, frases, memes e *comportamentos restaurados* (Schechner, 2020) organizam a vida social do /b/, a board "random", que é historicamente o coração caótico do 4chan. Sustento aqui que o 4chan opera como uma ecologia performativa — um conjunto de práticas reiteradas que produzem não apenas conteúdo, mas posições, papéis e fronteiras. É nessa ecologia que se tornam mais visíveis os modos pelos quais os usuários do site produzem hierarquias, regulam pertencimentos e constroem subjetividades, mesmo sob anonimato.

Ao longo dos capítulos a seguir, analisaremos três cenas que, embora distintas, revelam uma continuidade de afetos:

- O novato que falha em sua performance e é corrigido pelo "lurk moar" (espreite mais).
- A disputa por atenção e visibilidade no formato "You Laugh, You Lose" [Você Ri, Você Perde].
- O ritual de verificação de gênero no "TITS or GTFO" (Tetas ou Cai Fora).

Essas cenas servirão como entradas para observar o 4chan como contexto performático, uma espécie de palco com regras de performatividade específicas. O objetivo deste trabalho não é explicar o 4chan como uma ameaça ou espaço unicamente radicalizado — apesar de ser uma abordagem possível para outras pesquisas —, mas entendê-lo em um número de práticas, como uma *dramaturgia*. Trata-se de assumir que, mesmo naquilo que é percebido como caótico, existe forma; mesmo naquilo que parece apenas violência ou zoação, existe método; mesmo no anonimato, e apoiado nele, existem formas de performances de *eficácia* e

entretenimento, assim como subjetivações e exclusões.

O que se segue é, portanto, um exercício de *espreitar*. De observar de perto as repetições, os choques, as piadas e os incômodos que constituem esse lugar improvável, mas central, da internet contemporânea. É um convite a olhar o 4chan para além de um mistério moral, mas como um palco onde se experimentam — às vezes de modo bastante cruel — forças que atravessam a cultura digital hoje.

1. Espreitando

Regras da Internet

Regra 20: Nada deve ser levado a sério.

1.1. “Espreitar”.

No 4chan (4chan.org), uma resposta comum a alguma indagação sobre o funcionamento de algum rito ou a frequência de referências a eventos e postagem específicas é simplesmente responder ao indagador “lurk moar”. Como muitas outras sentenças dentro do site, essa é uma frase deformada e corrompida, cuja original seria “lurk more”. *Lurk* significa “espreitar” (espiar ou observar às escondidas), o comando poderia ser traduzido para algo como “explore mais, mas em silêncio”. O usuário indagador do exemplo acima, que se assumiu um iniciante no site, estaria sendo incentivado com essa expressão a observar melhor o site e os contextos onde aquela situação, discurso ou *meme* se repetem.

Isso não é um chamado a fazer uma etnografia, mas um desafio ao usuário. É como dizer “fica aí e aprende”. “Não pergunte, fique junto e olhe com atenção que uma hora você vai entender.” “Não faça perguntas idiotas. Quando você entender de verdade vai fazer as perguntas certas.” lurk moar é um tanto agressivo, algo como “cala a boca e escuta, imbecil!”. É a capacidade de reconhecer e replicar as numerosas piadas, memes e ritos internos nas situações “corretas” que separa um *anon* de um *normie* ou um *newfag.* Você precisa *merecer* participar, e o *desmerecimento* é imediatamente identificável. A principal forma de memória do 4chan é a repetição. De ritos, de piadas, de *memes*. Por isso o lurk moar é mais importante que as páginas de explicação externa[3]. Elas não são parte dos ritos. Quando você rir junto, você terá entendido. Falaremos mais disso no capítulo seguinte.

O 4chan surge em parte de *fandoms* de anime, e herda algumas características destas. Entendo *fandom* pelo conceito de Henry Jenkins (2013) de Cultura Participativa: fãs não como meros consumidores passivos; mas organizados socialmente, interagindo e produzindo conteúdo relacionado ao objeto de sua

3. O 4chan possui sua própria “wikipedia”, chamada Encyclopedia Dramatica. edramatica.com

paixão, como fanfics, fanarts, vídeos, discussões e outras formas de expressão criativa, tornando-se produtores ativos de suas respectivas subculturas, interagindo, remixando, reinterpretando e recriando conteúdos em comunidades colaborativas.

Matt Hills (2002) destaca a existência de hierarquias internas nas fandoms, onde o status é obtido pela demonstração de domínio enciclopédico sobre o universo narrativo, reforçando a identidade e o capital cultural da comunidade. Essa virtude da catalogação e da validação do fã enquanto "conhecedor" permite aos membros de um fandom se diferenciar e competir por prestígio, enquanto constroem coletivamente um sentido compartilhado e participativo da cultura pop. Pensando nisso, podemos dizer que o 4chan opera como um fandom de si mesmo.

O espreitar que é pedido no 4chan é uma habilidade que se desdobra sobre com o reconhecimento desse léxico interno e deste conhecimento sobre referências, piadas e principalmente performances: rituais prescritos e reencenados infinitamente. Rituais que dão inteligibilidade e governam os afetos dos *anons*. Espreitar é aprender a navegar e mobilizar essas performances.

No fim das contas, podemos dizer que esse trabalho consiste então nisso: espreitar. Vamos vasculhar os arquivos do 4chan e seus adjacentes, analisar casos e histórias que exemplificam essas performances, encontrar suas aplicações e suas contradições.

1.2. Etnografia digital

Se espreitar é a prática cotidiana do 4chan, a etnografia digital é a forma disciplinada e reflexiva de transformar essa prática em método. Aqui sigo sobretudo Sarah Pink (2016), que entende que a etnografia, quando deslocada para ambientes digitais, não consiste em simplesmente “observar a internet”, mas em habitar relações, fluxos e atmosferas compostas por pessoas, tecnologias, afetos e mediações. A etnografia digital não é um estudo “sobre” plataformas, mas um estar-com elas — um modo de aproximação que reconhece que o pesquisador também é moldado pelos ambientes que investiga.

Isso significa que meu trabalho não é reconstruir “como o 4chan realmente é”, mas acompanhar como certas performances emergem, circulam, se estabilizam e se transformam dentro desse espaço. O etnógrafo digital não captura fatos, mas experiencia processos: ele entra em cenas, lê rastros, participa em ritmos, incorpora

no próprio corpo algo do ambiente que estuda (Pink, 2016). No caso do 4chan, isso envolve acompanhar o fluxo rápido dos tópicos, o caráter efêmero das threads, a violência repentina das respostas, a sobrecarga de imagens e referências internas. Trata-se de uma imersão não-linear e não-sequencial. A proposta é seguir os fluxos dos discursos, que se movimentam de forma única nas diferentes topografias digitais.

> Algumas dessas áreas digitais, pelo tipo de socialidade que engendram, por sua topografia e seus ritmos particulares, exigem dos pesquisadores uma postura que se aproxima daquilo que Pétonnet (2008 [1982]) chamou de observação flutuante, tratando da pesquisa em ambientes urbanos: um deixar-se conduzir pelo inesperado, pelos encontros fortuitos, sem hora marcada, frequentando lugares de passagem sem um destino particular, enfatizar, enfim, os trajetos percorridos, mais do que os encontros já intencionalmente planejados com pessoas que já conhecemos previamente.
>
> (Leitão & Gomes, 2018)

É possível acompanhar discussões em tempo real, circular por arquivos, revisitar threads antigas, mapear padrões recorrentes e compreender como as performances se estruturam — tudo isso sem intervir diretamente nas cenas. Postar altera a dinâmica, interfere nos rituais e fabrica novos efeitos. Espreitar, aqui, é justamente não adicionar mais um corpo discursivo na cena.

O trabalho com arquivos — tanto os que restam no próprio site quanto os que circulam em plataformas paralelas — é parte essencial desse método. Seguindo Pink, trata-se de pensar o campo etnográfico como uma “constelação” de lugares, mídias e temporalidades: o 4chan não existe apenas no instante presente, mas também em capturas, coleções, reencenações e memórias que atravessam anos de circulação. “Estar no campo”, portanto, é também transitar entre tempos, ler continuidades, observar como certos comportamentos se repetem de forma quase idêntica ao longo de décadas.

A etnografia digital é uma travessia. Ela não busca representar uma comunidade estável, muito menos identificar sujeitos — no 4chan sujeitos nem existem de forma contínua. Neste trabalho, ela se volta para performances, ritmos e aparelhos: para aquilo que persiste mesmo quando todos são anônimos e tudo desaparece em poucas horas. O que interessa não é quem diz, mas o que se repete; as formas; as normas implícitas, os rituais que emergem quando ninguém tem nome.

Essa atenção aos fluxos, às conexões e aos deslocamentos também dialoga

com a perspectiva de Marilyn Strathern (1996) que argumenta que qualquer descrição etnográfica implica necessariamente um gesto de “corte”: um recorte analítico que torna visíveis certas relações ao mesmo tempo em que oculta outras. O digital intensifica esse problema. No 4chan, onde cada thread é uma pequena torrente e emaranhados de citações — imagens que se acumulam, fórmulas que se repetem, insultos que reverberam, rituais que se reencenam — não é possível capturar o “todo”, apenas traçar cortes significativos. O etnógrafo digital precisa decidir onde interromper a circulação infinita do hipertexto, onde congelar temporariamente a rede para torná-la legível.

1.3. Performance como lente

Este estudo recorre à noção de performance tal como articulada por Richard Schechner, usando-a como uma ferramenta analítica que permite observar comportamentos, rituais, jogos e modos de interação enquanto *comportamentos restaurados*, isto é, ações citadas, repetidas, reapresentadas e reativadas em contextos específicos. Para Schechner (2020), performances são compostas por unidades modulares de comportamento que podem ser deslocadas, recombinadas e executadas por diferentes sujeitos, em diferentes situações, sem perder sua inteligibilidade. O 4chan, nesse sentido, oferece um ambiente privilegiado para o estudo desse tipo de ação: seu léxico interno, seus ritos de entrada, suas repetições formulaicas e a estrutura própria do site produzem um campo onde as performances moldam o espaço social.

A performance permite observar o 4chan como um palco de ações codificadas, onde cada postagem — por mais efêmera — reinscreve e atualiza comportamentos sedimentados. Com Schechner, interessa-nos atentar para como esses comportamentos funcionam dramaturgicamente: como criam expectativas, instauram enquadramentos (frames), delimitam papéis e definem quais formas de atuação são consideradas legítimas.

Outro ponto central para este estudo é a distinção schechneriana entre eficácia e entretenimento. Em muitos contextos rituais, esses registros funcionam separadamente: um ritual eficaz transforma estados sociais, enquanto o entretenimento visa a fruição estética. No 4chan esses planos frequentemente se confundem. As ações eficazes — que regulam comportamentos, classificam sujeitos

e organizam hierarquias tácitas — são simultaneamente recebidas como entretenimento, piada, deboche, rebeldia e subversão.

A noção de frame também é mobilizada. Um frame, em Schechner, marca os limites da "cena", aquilo que permite que determinados comportamentos sejam reconhecidos como parte de um jogo performativo. No 4chan, cada *thread* possui um frame específico, instaurado pela postagem inicial — seja ela uma piada transfóbica, uma selfie provocante ou um *shitpost* confuso. O frame não determina em definitivo o que virá, mas orienta a legibilidade das ações subsequentes, autorizando certos tipos de exagero, humor, erotização ou mesmo violência. A análise deste trabalho segue essa lógica: cada caso etnográfico é abordado como uma cena enquadrada, onde se observa como as ações dos *anons* respondem ao frame e o atualizam.

Pensar em performance se mostra adequado em um ambiente onde identidades são instáveis, mutáveis e frequentemente descartáveis. E é no âmbito da ação performática tal como ocorre em ambientes digitais que esses processos de renegociação acontecem. Em vez de tentar reconstituir os sujeitos invisíveis atrás do anonimato, esta pesquisa se concentra nos atos — nas repetições, nas respostas, nos gestos linguísticos — que produzem, momentaneamente, posições como *anon*, *normie*, *newfag*, *femboy*, *femanon*, etc. É através das performances, e não de biografias inacessíveis, que o 4chan constrói subjetividades. Assim, a abordagem schechneriana nos permite ler não as intenções dos participantes, mas o funcionamento das ações que os constituem enquanto figuras reconhecíveis dentro deste espaço.

1.4. 4chan na prática.

Para compreender as cenas analisadas neste trabalho, é essencial descrever brevemente o funcionamento técnico e organizacional do 4chan, já que suas dinâmicas internas — efemeridade, anonimato e ordenação temporal — estruturam os modos de interação que observamos. O 4chan é um *imageboard*, isto é, um fórum cujo eixo central da comunicação não é o texto, mas a postagem de imagens acompanhadas (ou não) de comentários. Essa arquitetura influencia diretamente as formas de humor, de performance e de sociabilidade ali praticadas: a imagem é frequentemente o vetor primário de qualquer postagem.

O site é dividido em boards (quadros temáticos), cada qual dedicada a um

assunto ou estilo de interação: tecnologia (/g/), anime (/a/), política (/pol/), pornografia (/hc/), e assim por diante. Cada board funciona como um pequeno ecossistema discursivo, com normas implícitas, dialetos próprios e expectativas específicas sobre o que deve ser postado ali. O foco deste trabalho é a board "/b/ — random", historicamente o espaço mais caótico, imprevisível e permissivo do site — também o mais infame e mais influente. Diferente das outras boards, /b/ não tem um tema fixo; seu princípio organizador é justamente a ausência de princípio, e é nesse ambiente que muitos dos comportamentos restaurados e rituais de interação característicos do 4chan se tornam mais visíveis e emblemáticos.

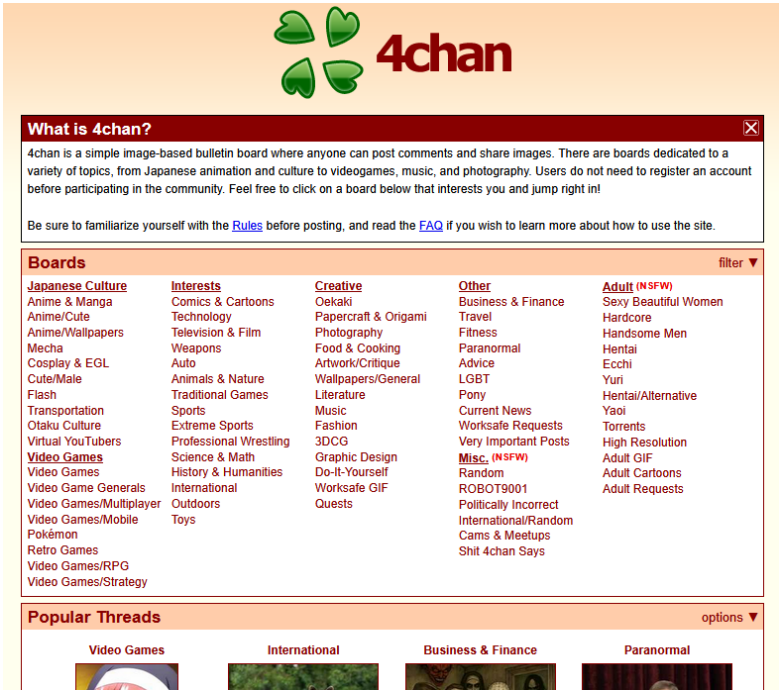


Figura 1: Página inicial do 4chan, com listagem de todas as boards.
Fonte: 4chan

Dentro de cada *board*, as postagens se organizam em *threads*. Uma *thread* pode ser iniciada por qualquer usuário e precisa conter uma imagem acompanhada de texto; as respostas subsequentes aninham-se abaixo dessa postagem original, formando uma cadeia conversacional. A lógica de ordenação das threads não é temática, mas temporal: cada vez que uma *thread* recebe uma nova resposta, ela sobe para o topo da lista da *board*. Isso significa que a visibilidade de uma discussão depende da atividade contínua sobre ela. Não há, ao menos no /b/, mecanismos para "fixar" postagens ou destacar conteúdos relevantes; uma thread permanece viva apenas enquanto estiver sendo respondida.

Esse fluxo é perpetuado por uma restrição técnica: cada board tem um número máximo de *threads* que podem existir simultaneamente. Quando o limite é alcançado, as *threads* mais antigas — aquelas que estão há mais tempo sem respostas ou chegaram no limite de 400 respostas — são empurradas para fora da primeira página, depois para a segunda, e assim sucessivamente até desaparecerem do quadro ativo. Quando chegam ao fundo da fila, são automaticamente "mortas", não permitindo mais interações, e eventualmente são apagadas permanentemente do site, a menos que tenham sido arquivadas em ferramentas terceiras, como "archived.moe" ou "thebarchive.com".

Por padrão, todos os usuários do 4chan são identificados simplesmente como Anonymous — e chamam uns aos outros de *anon*. O site não exige — nem incentiva — a criação de perfis pessoais. Não há contas, históricos, curtidas ou qualquer forma de identidade persistente. O anonimato é a condição de base do espaço, e só é alterado quando o próprio usuário decide voluntariamente inserir um nickname temporário na caixa de postagem. Essa assinatura opcional, entretanto, não cria continuidade entre publicações nem estabelece um sujeito estável: ela existe apenas naquela thread específica e desaparece junto com ela. Como não existe um sistema de registro, qualquer pessoa pode acessar o site e postar imediatamente, bastando abrir a página e submeter uma imagem com texto. Essa ausência de barreiras de entrada — técnica, burocrática ou identitária — compõe um dos elementos fundamentais da ecologia social do 4chan: um ambiente onde todos podem falar, mas ninguém "é" alguém, a não ser pela forma efêmera como age, posta e performa em cada cena.

Dentro das *threads* — as conversas de fato — a organização interna das postagens segue sempre a ordem temporal em que foram feitas. Cada nova resposta surge imediatamente abaixo da anterior, compondo uma cadeia linear de comentários. A forma de indicar que uma postagem está respondendo a outra é fundamental para o funcionamento do site: responde-se "citando" o número da postagem anterior, utilizando a notação ">>número". Esse mecanismo não apenas identifica destinatários, mas cria microconexões dentro da *thread* — pequenos encadeamentos conversacionais que atravessam a linearidade do fluxo.

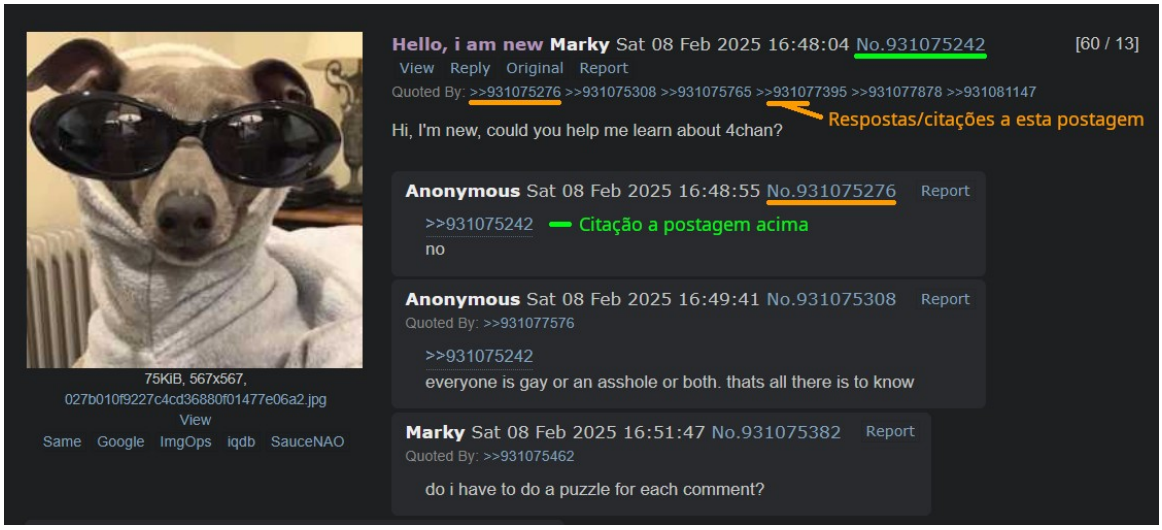


Figura 2: Exemplo de início de uma thread no 4chan. Usuário está utilizando o nome "Marky" para postagens, mas os outros participantes permanecem como "Anonymous". Fonte: Captura de tela de thread do 4chan (2025).

Cada postagem no 4chan possui um número único e, na interface, esse número também funciona como ponto de referência para o sistema automático de citações (“Quoted by”), que aparece no topo de cada comentário — esse campo lista todas as postagens posteriores que citaram aquele número específico. Assim, ao abrir uma postagem dentro de uma thread, é possível visualizar imediatamente todas as respostas diretas que ele recebeu, organizadas de forma condensada.

Embora, à primeira vista, essa interface pareça caótica ou excessivamente codificada, sua lógica torna-se compreensível com o uso contínuo. O 4chan é um site de legibilidade adquirida: após algum tempo de navegação os números e as citações encadeadas começam a formar uma espécie de cartografia interna que organiza a leitura das *threads*.

2. notafemboi precisa espreitar mais

Regras da Internet

Regra 33: Lurk moar, nunca é o suficiente



Figura 3: Postagem de "notafemboi" em dezembro de 2024.
Fonte: Captura de tela de thread do 4chan (2024).

2.1. Oi, sou novo por aqui

30 de dezembro de 2024. Aproximadamente 15:00, uma nova thread é criada no 4chan por um usuário utilizando o nickname *notafemboi*[4]. A postagem de abertura é que segue:

> **notafemboi – Seg 30 Dez 2024 14:58:34 – No.929327613**
> (Imagem: Snapchat-1523689165.jpg. Descrição: A imagem mostra uma pessoa posando diante de um espelho de corpo inteiro, fazendo uma selfie com o celular. A pessoa veste um conjunto de roupas de estética fetichista/alternativa: um top preto, uma minissaia com várias correntes metálicas, ligas presas a meias escuras, e acessórios como uma coleira com argola. Usa também tiara com orelhas felpudas, cabelo preto e loiro parcialmente cobrindo o rosto. O ambiente parece ser um

4. Escolhemos utilizar pronomes masculinos para este indivíduo, uma vez que o mesmo se apresenta como um *femboy*, uma estética associada a homens “feminilizados”.

quarto, com paredes azuis. Ao fundo, há um letreiro de néon rosa em forma de coração partido iluminando o espaço. A imagem é tirada em frente a um espelho grande com moldura clara, e a pessoa está com o braço apoiado na lateral do espelho enquanto segura o celular.)

Este lugar é estranho. Mas o Reddit[5] *anda chato.*
E vocês todos falam demais sobre pornô, se for só isso que vocês falam tô fora porque isso é um porre.
E sim, eu sou um femboy (:3), é isso. Me acho bem fofinho.
Não sejam malvados ou eu vou gozar

As respostas imediatas vêm em menos de dois minutos:

Anônimo – Seg 30 Dez 2024 14:59:58 – No.929327659
lurk moar, faggot.

O adjetivo *faggot* ou *fag* — gíria anglófona que melhor se traduziria para "viado" — se repete um número de vezes.

Anônimo – Seg 30 Dez 2024 15:03:38 – No.929327764
Nós amamos traps[6] *aqui, mas fingimos que não.*
Tudo o que pedimos é que você "passe"[7]*.*

notafemboi continua postando, ainda demonstrando não dominar o funcionamento do 4chan mecanicamente, respondendo aos comentários positivos e negativos sem "citá-los" da forma correta: colocando o número da postagem antecedida de um ">>" (algo que pode ser feito com apenas um clique). E indaga seus interlocutores sobre o uso contínuo do termo "fag":

5. Website reddit.com: entendido como uma espécie de "rival" do 4chan pelos *anons*.

6. Trap: literalmente "armadilha", alguém cuja aparência "engana" e confunde o gênero. Termo depreciativo.

7. "Passabilidade" trans é o termo usado para descrever quando uma pessoa trans é percebida pela sociedade como pertencente ao gênero com o qual se identifica, sem que os outros a leiam como trans.

notafemboi – Seg 30 Dez 2024 15:05:41 – No.929327820
Tá, vocês vão ter que me explicar como responder comentários. E parem de me chamar de fag, eu não sou gay. Pensem em algo melhor.

notafemboi – Seg 30 Dez 2024 15:06:42 – No.929327859
>>929327764
Descobri como responder comentários!

Anônimo – Seg 30 Dez 2024 15:07:53 – No.929327891
>>929327820
>>929327859
Muito bem, fag.

Ao ver o termo sendo repetido, *notafemboi* insiste em protestar:

notafemboi – Seg 30 Dez 2024 15:08:12 – No.929327908
>>929327659
Eu não sou gay. Pense em um insulto melhor, vadia.

Os *anons*, aparentemente cansados da “confusão”, respondem:

Anônimo – Seg 30 Dez 2024 15:09:00 – No.929327940
>>929327908
Nem tô usando como insulto, viado.

Anônimo – Seg 30 Dez 2024 15:11:08 – No.929328017
>>929327908
… sério mesmo… lurk moar. Turistas do caralho.

Ao longo dessa sequência de postagens, o que se observa é que notafemboi ingressa no espaço já performando uma persona altamente marcada — com visual, nome, identidade e sexualidade — em um espaço que opera, quase sempre, sob a

lógica oposta: a da desidentificação, da indeterminação e do anonimato. Seu primeiro post combina uma apresentação explícita, uso de um nickname para identificação, imagem do corpo e um discurso um tanto explícito e codificado “fofo” — todos elementos que costumam acionar imediatamente respostas hostis, irônicas ou sexualizadas, que é o que vemos acontecer.

2.2. Anonimato é etiqueta

O primeiro “erro” vem da quebra de etiqueta básica: apresentar-se, dizer “sou novo”, justificar a própria presença e oferecer detalhes sobre gostos pessoais (“Reddit ficou chato”, “aqui tem muita pornografia”), afirmar uma forma de identidade (“sou femboy”) e ainda anexar uma fotografia que materializa essa identidade.

O choque entre um novato que se declara e se expõe demais e os anônimos que operam sob uma ética de opacidade não é incomum — é parte constitutiva da vida cotidiana no 4chan. Para os usuários antigos, a chegada de alguém como *notafemboi* não exatamente rompe o fluxo do site, ele o confirma. A presença de um recém-chegado que fala de si, mostra o corpo, menciona outras plataformas e insiste em uma identidade estável (ser “femboy”, ser “fofinho”, não ser “gay”) funciona como o *frame* que dispara um conjunto de respostas codificadas. Os *anons* o recebem não como indivíduo, mas como espetáculo, uma curiosidade momentânea que, ao se expor demais, fornece matéria-prima para a performance coletiva de espectador. *notafemboi* não está conversando com outros sujeitos: ele apresenta-se diante de uma plateia, e a plateia responde segundo o repertório ritualizado do lugar.

notafemboi iniciou a discussão com uma foto e uma apresentação, como alguém que entra em cena e tenta de alguma forma entreter uma audiência, e considerando a notoriedade da audiência do site, é uma escolha no mínimo corajosa. O novato, porém, visivelmente não entende uma série de mecanismos, etiquetas e dialetos. Os *anons* insistem em chamá-lo de viado, apesar de seus protestos, até que alguém da plateia explica que isso não é nem exatamente um insulto: todos os *anons* chamam a si mesmos de “fag” com frequência. *Newfags* são novos usuários, *oldfags* são usuários antigos que dominam a plataforma. O termo é sim um insulto, mas um insulto usado como cumprimento. O importante não é entender o termo de forma literal — o importante é que, ritualisticamente, um insulto

homofóbico pode ser usado a vontade, e, quando alguém se incomoda com o mesmo, já pode ser imediatamente marcado como forasteiro, como *newfag* ou *normie*. Nessa lógica, somente alguém que não domina o espaço se incomodaria em ser chamado de “viado” dentro do 4chan. Ao se identificar essa possibilidade de subjetivação, o ritual prescrito é então performado pelos *anons* veteranos.

O espetáculo no caso acima então é a própria confusão de *notafemboi* em tentar desvendar essas dinâmicas, por isso, em vez de uma explicação didática disso, o que é oferecido é um comando: *lurk moar*. A expressão aparece como a resposta mais previsível — e a mais reveladora — dessa interação. No 4chan, *lurk moar* não significa apenas “leia mais” ou “observe antes de postar”; funciona como uma espécie de teste iniciático mínimo, um gesto que empurra o recém-chegado de volta para as margens do espaço. Não se trata de um convite à ambientação, mas de um gesto performativo que reinscreve a hierarquia entre quem “pertence” e quem ainda não sabe operar os códigos locais. Dizer *lurk moar* é reafirmar que o 4chan não é um espaço que acomoda esses desentendimentos performáticos, é um ambiente no qual alguém deve primeiro aprender, em silêncio, a reconhecer o estilo do humor, o vocabulário irreverente, os jogos de referência e as mecânicas dos insultos. Para os anons, o problema não é a presença de *notafemboi*, mas o fato de que ele entrou falando, declarando, opinando — sem antes assistir.

2.3. Performances corretivas

Essa situação descrita exemplifica bem a dinâmica do *lurk moar* enquanto ritual performático, mas também demonstra que desrespeitar as regras, etiquetas e dialetos do espaço faz parte do cotidiano, e possui comportamentos corretivos prescritos já bastante consagrados. *Lurk moar* é uma frase repetida diversas vezes no dia a dia do 4chan, muitos novatos e não-novatos leem esta resposta com frequência. O que destaca esta interação com *notafemboi* é que ele, mais fácil que muitos outros, “se entregou” de forma bem explícita, e foi reconhecido imediatamente como um *newfag* pelos *anons*.

Essa repetição quase automática, que na superfície parece apenas hostilidade, revela uma lógica situada de atuação. O comando *lurk moar* é uma exigência de alinhamento performativo. O 4chan funciona como um palco em que certos comportamentos — insultar, ignorar, sexualizar, ironizar — são continuamente

restaurados, repetidos, reiterados, atualizados. São “twice-behaved behaviors” (Schechner, 2020): ações cujo sentido depende justamente de serem citadas, reproduzidas e encenadas de novo. Ao entrar falando demais, declarando identidade e usando um registro visual, *notafemboi* não apenas “erra a etiqueta”: ele falha em reproduzir o comportamento esperado, a performance estabilizada de um nativo, um *anon*. A resposta é uma instrução dramatúrgica: mandar o novato assistir aos bastidores, observar os atores experientes, aprender o repertório antes de voltar ao palco. Enquanto espetáculo involuntário, *notafemboi* performa “errado”, e a plateia responde restaurando o script habitual. É assim que o 4chan mantém também sua continuidade: por meio da repetição de performances codificadas que delimitam quem sabe atuar e quem ainda é apenas um corpo sob os refletores.

A cena também evidencia que esse alinhamento performativo não é apenas cultural ou simbólico; ele produz efeitos imediatos na forma como sujeitos são percebidos e classificados dentro do espaço. O novato ingressa trazendo consigo marcadores identitários explícitos — corpo, gênero, estilo, plataforma de origem — que, no regime do 4chan, não constituem conhecimento legítimo, o que vale nesse espaço não é o saber de si, mas o saber das regras não ditas: o domínio do dialeto, do humor autorreferencial, etiqueta de navegação, as referências internas acumuladas. Quando *notafemboi* entra se apresentando e reclamando, sem antes demonstrar familiaridade com esse repertório, ele não apenas “não sabe”: ele produz performaticamente sua própria ignorância. Esse déficit ativa imediatamente dinâmicas de poder. Os *anons* não corrigem nem orientam: ridicularizam, rebaixam, reinserem.

notafemboi é então subjetivado, marcado, como uma figura específica: o “turista”, o “newfag”, o corpo exposto que não compreende o espaço em que se encontra e, portanto, se torna matéria-prima para a performance dos demais. Sua fala, sua imagem e seus protestos (“não sou gay”, “parem de me chamar de viado”) são reescritos pelos anons não conforme sua intenção, mas conforme a economia interna do espaço. Não importa quem ele é; importa quem o contexto performático do 4chan permite que ele seja. Assim, sua aparição produz uma subjetividade instável, cômica, inferiorizada, construída pela repetição coordenada de insultos, deboches e desqualificações.

Esse episódio nos permite observar como uma interação aparentemente banal — um novato postando uma selfie e dizendo “sou femboy” — coloca em

funcionamento um conjunto inteiro de expectativas, normas tácitas e performances ritualizadas que estruturam o /b/. O caso de *notafemboi* não é excepcional; ele é exemplar.

Essa dinâmica, que no nível imediato parece apenas hostilidade, revela-se, porém, como parte de um regime performativo mais amplo, no qual papéis, posições e fronteiras são continuamente restaurados.

A entrada de *notafemboi* evidencia também como o anonimato do 4chan não significa ausência de regulação — mas que toda regulação precisa ser feita pela ação performática. Não há perfis, históricos ou identidades duráveis: existe apenas o modo como se posta. É esse modo que se torna o critério de pertencimento, e é ele que, quando falha, transforma o sujeito em espetáculo para a audiência anônima que patrulha o fluxo da interação.

2.4. Hierarquias anônimas.

O caso ilumina a tensão estrutural do /b/: um espaço que se pensa como um "vale tudo", mas que opera por meio de hierarquias baseadas em domínio de códigos internos; um espaço que celebra o anonimato, mas pune quem não domina suas formas específicas de anonimato. 4chan cria sujeitos — *newfags*, turistas, *anons* — performativamente, e explicitando que não, não "vale tudo".

A passagem de *notafemboi* evidencia que o conflito não nasce de um conteúdo específico, mas de uma performance mal alinhada. Ele entra no /b/ encenando uma apresentação marcada, identitária, corporal — justamente o oposto do comportamento que os *anons* reconhecem como adequado. Sua performance, portanto, falha. E quando uma performance falha no 4chan, ela não é simplesmente ignorada: ela produz uma reação automática, ritualizada, que reinscreve o sujeito no lugar que lhe cabe. O *lurk moar* aparece então como o gesto coletivo e corretivo fundamental: a palavra que devolve o novato à plateia, que o tira do palco e o manda observar. É uma instrução dramatúrgica — um pedido para reaprender o papel antes de voltar a atuar — mas também uma declaração performativa dos próprios *anons*, que reafirmam seu domínio sobre o repertório cênico do lugar.

E é justamente aqui que se torna visível a hierarquia que o anonimato não elimina, mas produz. Dizer *lurk moar* não apenas marca o outro como alguém que *não sabe*: marca quem mobiliza esse dizer como alguém que *sabe*. É uma afirmação

de competência dramatúrgica dentro de um espaço que, em tese, não tem nomes, rostos ou currículos. O comando performa simultaneamente a exclusão e a autoridade: ele rebaixa o novato e eleva o veterano, reinstaurando a ordem do espaço.

O 4chan mantém sua continuidade interna exigindo a reprodução fiel de certos rituais identificáveis — insultar, ironizar, ridicularizar, mandar observar — e ao transformar cada falha performativa em oportunidade para que os nativos reafirmem sua posição. O *lurk moar* é, então, um ritual de pertencimento e demarcação, um mecanismo que em sua repetição se torna eficaz em dizer: “você não é daqui — nós somos”.

3. You Laugh, You Lose [Você Ri, Você Perde]: a economia da atenção.

Regras da Internet

Regra 42: Nada é Sagrado.

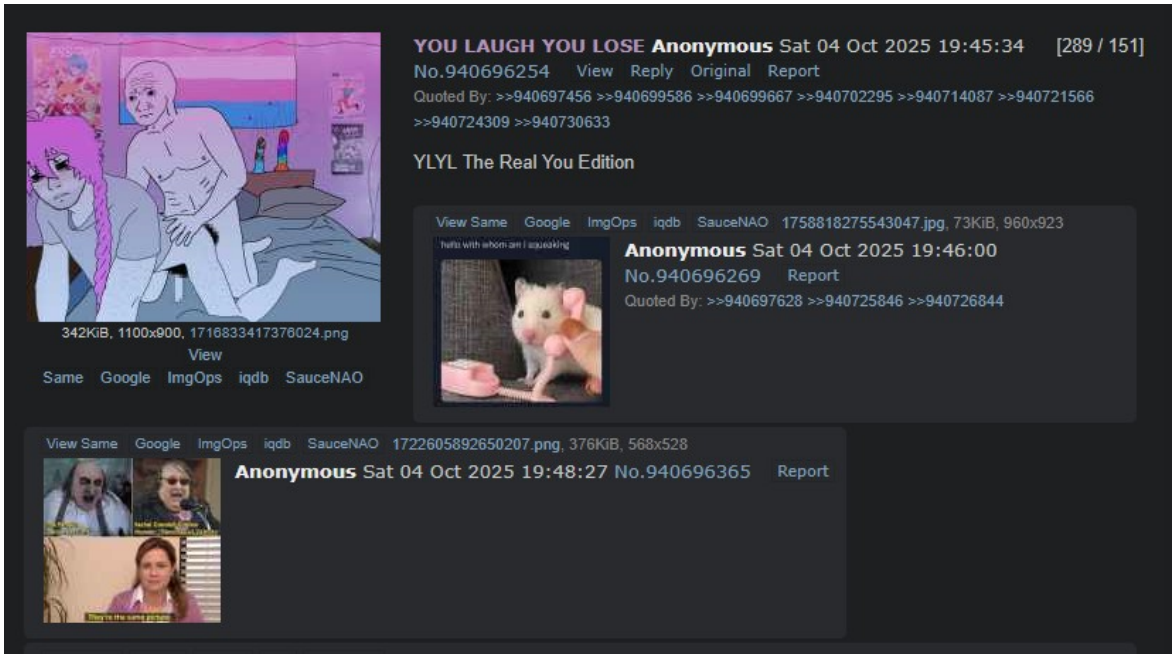


Figura 4: thread "YOU LAUGH YOU LOSE" realizada em outubro de 2025, iniciada com meme de conotação transfóbica.
Fonte: Captura de tela de thread do 4chan (2025).

3.1. Faça-me rir.

A thread se inicia com os dizeres *You Laugh You Lose* [Você Ri, Você Perde], atrelada a postagem, uma imagem.

> **Anônimo – Sáb 04 Out 2025 16:45:34 – No.940696254**
> (Imagem: 1716833417376024.png. Descrição: A imagem mostra uma cena ambientada em um quarto decorado com uma bandeira do orgulho trans pendurada na parede e pôsteres de diferentes franquias de anime. No primeiro plano há uma cama, sobre a qual duas figuras estão representadas em ato sexual. A figura à esquerda, com cabelos longos e rosa presos em tranças, é desenhada de modo caricatural,

> com traços faciais e corporais exagerados, essa personagem é desenhada de uma forma a sugerir uma “não passabilidade” transfeminina, com alguns traços de barba fina no rosto, pelos nos braços e nas pernas. A figura à direita, também estilizada no formato *wojak*, aparece em posição de penetração, com expressão facial de descontentamento. No fundo do quarto, são visíveis objetos fálicos, semelhantes a dildos, alguns deles acompanhados de desenhos de moscas, sugerindo descuido ou falta de higiene.)
>
> *YLYL Edição Seu Eu Verdadeiro*

As postagens seguintes continuam a *thread* quase exclusivamente por meio de imagens, sem uma narrativa temática coerente. O tema *You Laugh You Lose (YLYL)*, um dos mais comuns dentro do /b/, orienta as contribuições dos outros participantes, ou seja, o objetivo torna-se simplesmente postar conteúdos considerados engraçados, chocantes, absurdos ou inesperados, sem necessidade de continuidade temática ou fidelidade ao conteúdo da abertura. Assim, as imagens seguintes variam amplamente: montagens grotescas, memes antigos, capturas de filmes e séries recontextualizadas, piadas visuais de humor grosseiro — um repertório típico do /b/. Algumas imagens seguem a mesma lógica ofensiva da inicial, outras circulam em sentidos totalmente diferentes; mas o que as une não é o tema, e sim a adesão ao jogo do YLYL, no qual a thread funciona como uma sucessão fragmentada de tentativas de provocar o riso (ou o choque) da plateia anônima.

3.2. Postagem inicial como frame.

Não podemos ignorar o fato de que a primeira postagem é uma piada transfóbica. A imagem desta utiliza uma linguagem visual típica do 4chan — especialmente do /b/ — combinando figuras estilizadas no traço dos *wojaks* com marcadores de corpo e gênero desenhados de forma deliberadamente depreciativa. Esse tipo de humor não surge do nada: ele reativa comportamentos restaurados, scripts visuais que circulam há anos no 4chan. Essa estética não é apenas um estilo gráfico: ela compõe, historicamente, um repertório imagético empregado para produzir repulsa, constrangimento ou choque, frequentemente direcionado a temas

de gênero e sexualidade. Ainda que a *thread* não exija que os participantes mantenham a temática transfóbica — já que seu tema formal é apenas o *Você Ri, Você Perde* — essa primeira postagem estabelece, porém, um primeiro gesto performático. Se pensarmos a abertura de uma *thread* como o abrir das cortinas do palco, essa primeira intervenção é o número de abertura: define o enquadramento afetivo da cena, o tipo de provocação lançado ao público, o tom com o qual os demais participantes iniciam sua leitura. Mesmo que os *anons* que postem em seguida não se alinhem a esse conteúdo específico, a primeira performance permanece como o pano de fundo contra o qual as outras imagens circulam. É ela que inaugura a atmosfera do tópico, apresenta o tipo de humor colocado em jogo e marca, ainda que de modo implícito, o pode ser postado.



Figura 5: Wojak: caricatura constantemente remixada, estilizada e combinada com outros elementos para expressar emoções, arquétipos e estados afetivos variados.
Fonte: Know Your Meme (2025).

A imagem inaugural funciona menos como tema e mais como *frame* — uma moldura que sugere o tipo de comportamento que pode emergir naquela cena. O frame não determina normativamente o conteúdo subsequente, mas estabelece o modo de leitura: ele diz ao público como interpretar o que vem depois, qual “tom” performativo será ativado e quais sensibilidades são tratadas como disponíveis.

Essa primeira postagem pertence a um repertório imagético já sedimentado no /b/: *wojaks*, caricaturas que os *anons* fazem de si mesmo e de outros grupos — acionando *scripts* reconhecíveis que os demais participantes sabem como continuar, subverter ou disputar. Mesmo quando as postagens posteriores abandonam a transfobia explícita, elas ainda operam dentro dessa moldura inicial, que define a atmosfera da *thread*: um ambiente onde o choque, o desconforto e o exagero são tratados como formas legítimas de “fazer rir”. A imagem inicial não obriga ninguém a

repetir seu conteúdo, mas situa a *thread* dentro de uma lógica em que certos tipos de violência simbólica são tomadas como jogo — permitindo que, dali em diante, qualquer postagem seja lida como parte da mesma licença performativa que a abertura instaurou.

Entre o efeito de moldura produzido pela imagem inicial e a dinâmica mais ampla do *YLYL* há uma continuidade importante: o frame não apenas orienta a leitura do que se segue, mas também convoca os participantes a atuarem dentro de um certo modo de performance. Se a primeira imagem instaura uma licença para o grotesco, o exagerado e o ofensivo enquanto jogo, o formato *YLYL* amplia essa licença, transformando cada postagem em um pequeno “número” que entra em cena sob essa autorização prévia.

3.3. YLYL como palco.

Talvez mais do que qualquer outro tipo de thread, as do tipo *YLYL* são as que mais explicitam o /b/ do 4chan como uma espécie de palco. Diferente de outros tópicos, que podem orbitar discussões, reclamações, debates ou pedidos, o *YLYL* é um chamado direto à performance. A estrutura da *thread* — uma sequência aberta de postagens onde cada imagem funciona como uma piada autônoma — coloca cada *anon* na posição de performer: alguém que entra, ocupa o espaço por alguns segundos durante a rolagem da página, e tenta provocar uma reação no público invisível. Pode ser um meme velho, uma montagem grosseira, uma imagem encontrada ao acaso ou uma criação própria. O critério é único: ser engraçado — dificilmente para todos, mas para alguém. Faça rir. E como o 4chan enquanto aparelho impõe anonimato, efemeridade e ausência de reconhecimento contínuo, essa performance não é uma apresentação com retorno garantido, mas um arremesso no escuro. O performer lança sua piada em direção a uma plateia que ele não vê e que não responde verbalmente — mas que, ainda assim, está ali. Esse arranjo permite que o *YLYL* funcione como uma espécie de stand-up — adaptado às condições técnicas e sociais do 4chan, e ausente de um real risco de rejeição.

Mas, então, como medir o riso? Como avaliar a plateia quando ela não tem rosto, não tem voz, não tem aplauso e não tem reações explícitas? Se o 4chan é um palco, ele é também um palco sem retorno imediato — o performer não vê o público rir, e o público não tem obrigação de responder. A melhor forma de participar

enquanto audiência, dentro dessas disposições, é “respeitar” a regra do tópico: se você riu, você perdeu, e se você perdeu, você avisa, faz sua parte performática de plateia do /b/: responde/cita (“>>número”) a postagem que te fez rir.

Essa resposta pode ser explícita — “perdi”, “*kek*”, “*lol*”, ou outra expressão típica do espaço —, mas o simples ato de citar já sugere que a postagem funcionou de alguma forma. Em um espaço sem curtidas, retuítes, perfis ou contadores de engajamento, a réplica é o indicador mais próximo de que a piada encontrou um alvo. É uma métrica improvisada — mas que, dentro das especificidades do 4chan, se torna suficiente para marcar dinâmicas de atenção: algumas imagens “morrem” imediatamente — não chamam atenção e não são respondidas; outras atraem uma pequena cadeia de respostas; algumas poucas tornam-se elas módulos de repetição, sendo repostadas em outras *threads*. O *YLYL* convoca performances individuais, e as organiza em um regime de visibilidade peculiar, em que cada postagem entra em disputa silenciosa por risos, e principalmente, atenção.

3.4. Atenção e a resposta como moeda performativa no /b/.

No 4chan a resposta é a verdadeira moeda. O “like”, a curtida que existe em outras redes sociais aqui não tem correspondente, existe apenas a citação, o único medidor de atenção. Por isso o humor no /b/ frequentemente desliza para o grotesco, o agressivo ou o abertamente discriminatório. O “extremo” não é apenas uma estética; é também uma estratégia eficiente dentro de uma economia em que qualquer reação é encontrada no mesmo formato de resposta, entendida como atenção alheia. Piadas transfóbicas, misoginia, racismo, violência gráfica — nada disso precisa ser coerente com um tema ou com a sensibilidade do coletivo; basta que provoque algo o bastante para romper a indiferença. No YLYL, o riso e o desconforto se tornam funcionais da mesma forma: ambos geram movimento, ambos produzem citação, ambos mantêm o fluxo. A thread, então, se organiza como uma arena onde o choque e o humor operam como dois lados de um mesmo mecanismo performativo: provocar o outro, arrancar-lhe uma resposta — e, ao fazê-lo, garantir um instante de visibilidade dentro do turbilhão anônimo.

Anônimo – Sáb 04 Out 2025 16:53:16 – No.940696546

> (Imagem: 1759482822312854.jpg. Descrição: Quatro quadros retirados de um episódio da animação Bob Esponja. No primeiro, Bob Esponja segura outra personagem, um peixe verde, pelos ombros e diz: “venha mais perto…”. Nos dois quadros seguintes, Bob Esponja continua segurando o peixe e repete: “eu preciso…”, “eu preciso…”. No último quadro, em close, Bob Esponja grita: “RESPONDA ESTA POSTAGEM OU SUA MÃE VAI MORRER DORMINDO ESTA NOITE”).

O que temos na postagem acima é uma subversão comum de threads *YLYL*. Trata-se de uma imagem que exige que o leitor responda — sob ameaça de que, caso não o faça, “sua mãe morrerá enquanto dorme esta noite”. A dinâmica depende do funcionamento visual do chan: as imagens aparecem minimizadas e só podem ser lidas integralmente ao serem abertas. Assim, o momento em que o usuário amplia a imagem é o momento em que se depara com o ultimato. O humor — e a pressão performática — está na forma como a imagem transforma o simples ato de visualizar o post em uma espécie de armadilha: ao ler o texto, o leitor é interpelado por uma ameaça absurda, formulada como um “feitiço”, uma “maldição” que precisa ser desativada com uma resposta. A graça, portanto, não está apenas na mensagem, mas no dilema que ela instaura: você realmente vai arriscar não responder? A réplica imediata torna-se, ao mesmo tempo, a quebra da maldição e a confirmação do jogo.

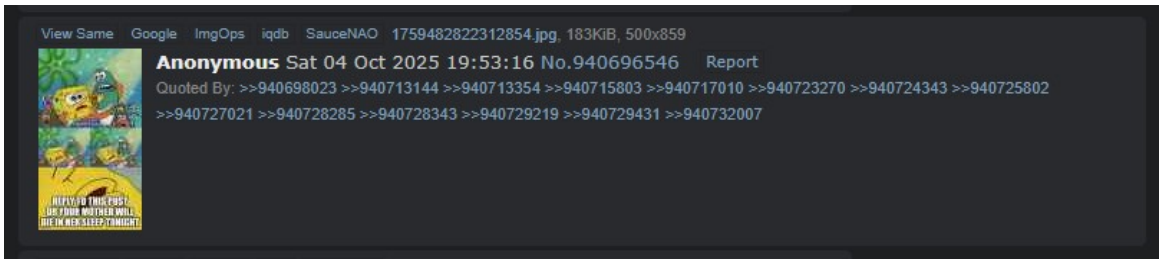


Figura 6: Postagem com montagem de bob esponja e a "maldição" da morte da mãe do leitor. Notam-se diversas respostas — “Quoted by” — o que revela quantidade relativamente alta de engajamento.
Fonte: Captura de tela de thread do 4chan (2025).



Figura 7: Imagem completa da "maldição" do Bob Esponja.
Fonte: Imagem disponível em thread do 4chan (2025).

Esse jogo explicita de forma didática a lógica que estrutura esse tipo de tópico *YLYL*. O que realmente está em disputa ali não é o riso — é a atenção codificada na forma de citação, réplica, engajamento mínimo. A maldição do exemplo, esse ultimato absurdo (“responda ou sua mãe morre esta noite”), opera como atalho — uma trapaça — dentro da economia afetiva do 4chan: a postagem não precisa convencer, não precisa fazer rir, não precisa sequer ser engenhosa. Ela apenas força o leitor a entrar no jogo. Se há uma piada nisso tudo é a própria existência da trapaça e sua efetividade. Uma imagem dessas tende a acumular mais réplicas do que memes comuns ou piadas desgastadas, pois produz de maneira eficiente o único gesto que importa para medir “sucesso”: a resposta.

A dinâmica também é cíclica: quanto mais respostas uma postagem têm, mais essa se destaca. Se destacando, chamará mais atenção, que neste caso significa que mais *anons* irão cair na maldição e serão compelidos a responder. A maldição exemplifica uma técnica performática de captura de atenção que funciona muito bem dentro do *YLYL*, onde rir, discutir, se irritar, se ofender, são virtualmente equivalentes nesta economia de respostas como validação.

3.5. Performance discente

Há outra forma de chamar atenção: nadar contra a corrente.

> **Anonymous – Sat 04 Oct 2025 17:06:05 – No.940697050**
> (Imagem: 1745509173695453.jpg. Descrição: A imagem mostra um ambiente que se assemelha a um escritório, visto de um ângulo levemente baixo. No canto direito, encolhida debaixo de uma mesa, há uma personagem desenhada em estilo anime: uma menina loira, com um vestido azul simples, joelhos abraçados e expressão de choro. Sobre ela está sobreposta a legenda “Homens adultos”. À esquerda, no fundo da composição, encontra-se uma figura metálica que remete diretamente ao Exterminador da franquia Exterminador do Futuro segurando um rifle e avaliando o cenário, em busca de seu alvo; sobre ele lê-se a palavra “Pronomes”.)

Se dentro da lógica geral do 4chan — sobretudo em /b/ — o humor negro, misógino, transfóbico ou reacionário tende a chamar atenção, uma maneira eficaz de capturar essa mesma atenção é inverter o vetor: oferecer um meme que ridicularize essas posturas. A postagem acima faz isso ao representar “homens adultos” como uma menina amedrontada diante da figura ameaçadora de um exterminador rotulado “pronomes”. A piada, então, se desloca do alvo minoritário comum no 4chan e volta-se contra aqueles que reagem de modo histérico ou agressivo à simples ideia de respeitar pronomes. É um gesto pequeno, mas significativo, de contracorrente: um modo de provocar a audiência não pelo choque reacionário, mas pelo desconforto de ver seus próprios padrões de intolerância convertidos em objeto de ridículo. E como em todo *YLYL*, o objetivo não é converter ninguém — é apenas chamar atenção o suficiente para gerar respostas.

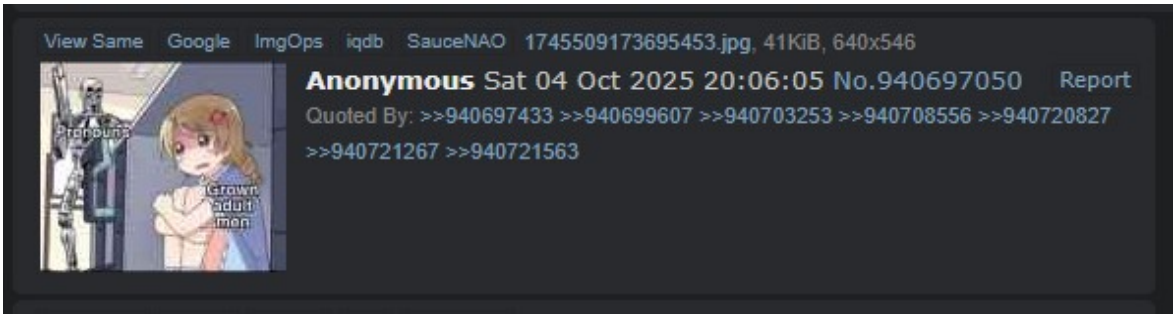


Figura 8: postagem com meme ridicularizando o reacionarismo comum no 4chan. Também diversas respostas diretas.
Fonte: Captura de tela de thread do 4chan (2025).



Figura 9: Meme ridicularizando o reacionarismo comum no 4chan. À esquerda: “pronomes”, à direita “homens adultos”.
Fonte: Imagem disponível em thread do 4chan (2025).

A estratégia funciona. Assim como o “maldição à mãe” e outros formatos de provocação, ir contra o fluxo estabelecido no frame — ainda mais considerando que a postagem inicial desta cena se tratava de um meme transfóbico — é também uma técnica performativa que se integra ao funcionamento desse tipo de *thread*. O YLYL opera, seja pelo riso, provocação ou indignação, através de atrito — o choque entre expectativas, sensibilidades e discursos que coexistem dentro do mesmo espaço. Ao apresentar um meme de conotação progressista, ridicularizando as sensibilidades de muitos *anons* reacionários, o performer deste meme está chamando atenção através da dissonância. Mesmo aqueles que não acham graça — ou principalmente esses — são compelidos a responder, seja para rejeitar o

meme, para atacá-lo, ou para ridicularizar quem o postou. Independentemente, o meme cumpre seu papel: gerar interação.

YLYL evidencia como o /b/ organiza suas interações dentro de uma economia performativa da atenção, na qual cada imagem funciona como um pequeno ato lançado à plateia anônima. O frame inicial, as estratégias de choque, as “maldições”, as inversões irônicas e os gestos de contracorrente mostram que, no *YLYL*, o humor é menos um fim do que um mecanismo de circulação: aquilo que importa é manter o fluxo vivo, provocar resposta, evitar o (inevitável) apagamento da thread. É por esse jogo entre o riso, o incômodo e a disputa por atenção que o *YLYL* se torna uma das cenas mais claras do modo como o 4chan transforma cada *anon*, mesmo que por segundos, em performer e público ao mesmo tempo.

4. TITs or GTFO [Tetas ou Caia Fora].

Regras da Internet

Regra 30: Não existem mulheres na internet.



Figura 10: primeira postagem da thread "slicing tomatoes" de dezembro de 2024.
Fonte: Captura de tela de thread do 4chan (2024).

4.1. Um ritual imediato

Uma usuária abre uma thread no /b/ se apresentando como uma mulher de 20 anos e descreve a oferta de vídeos onde se automutila, algo que seus “amigos” supostamente pagavam para assistir — ela pergunta se os *anons* também pagariam e, caso sim, onde poderia transmitir esse conteúdo. A resposta imediata não engaja com o conteúdo da pergunta, nem no tema da automutilação, nem na oferta em si: o que é ativado é um dos rituais mais antigos e consistentes do 4chan, o *TITS or Get The Fuck Out [Tetas ou Caia Fora]*.

> **cortando tomates – Anônimo – Dom 29 Dez 2024 01:04:28 – No.929259197**
> (Imagem: happytomatoes.jpg. Descrição: Imagem aparentemente de conteúdo de marketing. Duas mãos, uma segura uma grande faca de cozinha, a outra segura um tomate sendo cortado em rodelas sobre uma tábua branca.)

Você pagaria por coisas esquisitas?
Tenho 20 anos, sou F (mulher).
Eu costumava mandar vídeos me cortando para meus amigos, eles pagavam por isso, claro.
Você pagaria? Se sim, onde posso divulgar isso?
Thread honesta.

Anônimo – Dom 29 Dez 2024 01:06:58 – No.929259308
>>929259197
TITS OR GTFO

Anônimo – Dom 29 Dez 2024 01:08:59 – No.929259397
>>929259308
Aprenda a ler

Anônimo – Dom 29 Dez 2024 01:10:37 – No.929259454
>>929259397
TITS OR GTFO

Anônimo – Dom 29 Dez 2024 01:30:34 – No.929260231
>>929259397
Aprenda a POSTAR TITS OR GTFO
Resposta honesta

Independentemente de se oferta dessa primeira postagem ser real — algo sempre difícil de verificar dentro do 4chan, é curioso notar que a usuária demonstra conhecer ao menos parte da infâmia do /b/, a ponto de imaginar ser um espaço onde poderia encontrar compradores para imagens explícitas de automutilação. Ainda assim, ela não parece dominar as dinâmicas internas do espaço. Ao entrar dessa forma, acaba acionando imediatamente uma das regras mais antigas e recorrentes do /b/.

4.2. “Não existem mulheres na internet”.

É importante frisar que o que está acontecendo nessa thread é quase automático: sempre que alguém se declara mulher — especialmente no /b/ — essa resposta surge. Não importa o conteúdo da postagem, sua intenção ou sua veracidade; a simples afirmação “sou mulher” aciona imediatamente o mesmo enunciado ritualizado. O *TITS or GTFO* é tão previsível que pode ser entendido como reflexo coletivo. Independentemente do que a usuária estivesse oferecendo, pedindo ou dizendo, o resultado seria idêntico: a exigência performativa de uma prova visual do seu gênero, repetida com a regularidade burocrática, marcando a entrada de qualquer suposta mulher no espaço.

Dentro do 4chan, há quase duas décadas, circula um conjunto de “Regras da Internet” que inclui duas máximas fundamentais para entender o ritual que vemos nessa *thread*: a “regra 30: não existem mulheres na internet” e a “regra 31: tits or gtfo — a escolha é sua”. Essas regras condensam a “piada” recorrente de que mulheres não existem online, ou, mais precisamente, de que qualquer declaração de identidade feminina deve ser tratada com suspeita, já que — no imaginário predominante do 4chan — é muito fácil para um homem se passar por uma mulher. Como os *anons* se compreendem como compostos majoritariamente por um público masculino, a aparição de alguém que afirma ser mulher é imediatamente recebida dentro dessa lógica: não um dado, mas algo que deve ser verificado, testado, colocado à prova. *TITS or GTFO* é a manifestação desta dinâmica.

Ritualisticamente o que está sendo pedido nesses casos é bastante direto: quando alguém se declara mulher, essa pessoa é convocada a provar essa condição postando uma foto dos próprios seios. Uma selfie deve ser feita no momento da postagem, acompanhada do chamado *timestamp*, um bilhete escrito à mão contendo a data e o horário exatos. Essa exigência opera como uma forma de verificação, uma “prova de gênero” do(a) postador(a). A imagem só é considerada válida se cumprir esses requisitos: a nudez, o bilhete, a simultaneidade da foto. É esse o procedimento que, dentro da lógica do 4chan, autêntica ou invalida a afirmação “sou mulher” feita por alguém no /b/.

Essa exigência raramente é cumprida, mas isso não impede que seja constantemente reiterada. A cada nova recusa, a cada protesto ou a cada aparição da usuária na mesma thread, o ritual volta a surgir — repetido, reforçado, ecoado

por diferentes *anons*. O *TITS or GTFO* é uma condição para que a interlocução prossiga: enquanto a prova não vier, a alegação de feminilidade permanece não reconhecida. Dentro da lógica do /b/, apenas após cumprir esse rito de autenticação mínima o status de “mulher” pode ser levado a sério — e, mesmo assim, apenas temporariamente, até a próxima *thread*.

Nos casos onde a exigência é cumprida, o “estado de mulher” é considerado “comprovado”, e o comportamento dos *anons* costuma seguir um caminho ainda mais erotizado: a exigência inicial se desdobra em novas demandas, cada vez mais explícitas, variando entre pedidos de imagens de outras partes do corpo, poses específicas ou mesmo atos de caráter sexual. Em geral, a pessoa que aceita cumprir o ritual é imediatamente reinscrita como objeto de desejo e humilhação — uma figura disponível ao consumo visual e performático dos *anons*, cuja legitimidade enquanto “mulher” só existe enquanto matéria erótica — forma corrente do espaço de lidar com alguém que reivindica tal posição no /b/.

TITS or GTFO é mais um comportamento restaurado exemplar, uma unidade modular de ação sempre pronta para ser reativada por qualquer *anon*. É uma porta de entrada controlada, um rito que testa, classifica e reinscreve o participante em categorias internas. A declaração “sou mulher” aciona imediatamente esse rito, que estabelece fronteiras e demarca quem pode ocupar legitimamente determinado papel dentro do espaço. A prova exigida é a dramatização central: um gesto performativo que decide inclusão ou exclusão. O ritual produz o papel “mulher no /b/” como uma performance vigiada, condicionada. Um mecanismo de regulação.

4.3. Justificativas e contradições

Quando questionados, os *anons* costumam justificar esse ritual reiterando que, dentro do /b/ e do 4chan como um todo, todos são anônimos — em teoria, gênero não deveria importar. Ninguém no /b/ possui corpo, rosto, voz, história ou identidade contínua, e, por isso, qualquer declaração de gênero é irrelevante para o funcionamento do espaço. Assim, quando alguém se apresenta como mulher, isso é imediatamente interpretado como uma tentativa de atrair atenção. Se gênero não importa no 4chan, então alguém que tenta se instaurar como mulher “só pode estar buscando atenção”, mobilizando o marcador “mulher” apenas para capturar o olhar dos homens do site.

Há um *copypasta* — um texto pronto frequentemente usado para explicar isso de forma “didática” no espaço:

> Se eu puder pontificar um pouco, para sua edificação, uma das regras da Internet é que “não existem mulheres na Internet”. Essa regra não significa o que você pensa que significa.
>
> Na vida real, as pessoas gostam de você por ser uma garota. Eles querem te comer, então prestam atenção em você e fingem que o que você tem a dizer é interessante, ou que você é inteligente ou esperta. Na Internet, nós não temos a chance de te comer. Isso significa que a vantagem de ser uma “garota” não existe. Você não ganha um bônus na conversa só porque eu gostaria de colocar meu pau em você.
>
> Quando você faz uma postagem tipo “dããã, eu sou uma garota”, você está implorando por atenção. A única razão para postar isso é porque você quer de volta sua vantagem de garota, porque você é muito rasa e estúpida para fazer ou dizer qualquer coisa interessante sem ela. Você está esquecendo as regras: não existem garotas na Internet.
>
> A única exceção a essa regra, a única forma de recuperar sua “feminilidade” na Internet, é postar suas tetas. Isso é, e deve ser, degradante para você, uma admissão de que a única coisa interessante sobre você é seu corpo nu.
>
> resumindo: tetas ou CAIA FORA.
>
> (Anônimo, 2012)



Figura 11: “copypasta” sobre o TITs or GTFO. Texto frequentemente repostado em threads com presença de mulheres para reforçar a regra.
Fonte: Captura de tela de thread do 4chan (2012).

O anonimato do /b/ possui uma dinâmica implícita de generificação: neste espaço, o masculino não é um gênero, e sim a ausência de gênero. O *anon* é sempre presumido homem; um sujeito “não marcado”, a entidade padrão de performance no espaço. O masculino, por ser tomado como neutro, não precisa ser provado, exibido ou performado — ele simplesmente é. Já o feminino aparece sempre como um excesso, uma marca. Quando alguém afirma “sou mulher”, a declaração é recebida como perturbação: ela introduz um marcador que rompe o pacto tácito do masculino invisível, entendido como neutro. O ritual do *TITS or GTFO* opera reinscrevendo essa assimetria. Ele tanto exige que o feminino seja visível,

legível e autenticado quanto reafirma que o anonimato verdadeiro só existe quando não há marcadores. A mulher, para existir no /b/, precisa tornar-se corpo; o homem, para existir ali, precisa apenas ser anon.

No 4chan, o único gênero que realmente “existe” é o feminino. O masculino não se apresenta como posição, identidade ou marca — ele opera como pano de fundo, condição naturalizada, neutra e não questionada. A masculinidade, portanto, não entra no jogo da prova, da autenticação ou da vigilância; ela é justamente aquilo que não precisa ser dito. A presença feminina é sempre lida como desviante pois rompe a ficção de neutralidade que sustenta o espaço; ela exige trabalho interpretativo, avaliação e ritual. Já a masculinidade se mantém estável justamente por escapar à visibilidade — só é possível ser “anon” porque ser homem não é percebido como um gênero, mas como a própria definição do neutro.

Conclusão

No 4chan, a sociabilidade e participação se organiza por meio de rituais performativos, repetidos e reconhecidos pelos participantes. Essas performances operam simultaneamente em dois registros que Schechner distingue, mas que no 4chan aparecem inseparáveis: eficácia e entretenimento. Eles são eficazes porque disciplinam, corrigem, hierarquizam e produzem subjetividades; e são entretenimento porque fazê-lo é fonte de prazer, riso e espetáculo para os *anons*.

No caso do *lurk moar*, a eficácia consiste em regular a entrada dos novatos — marcá-los como *newfags*, rebaixá-los simbolicamente e reinscrevê-los nas fronteiras internas do /b/. No *YLYL*, a eficácia está na captura da atenção: o riso, o choque ou a indignação são todos igualmente funcionais para manter as postagens circulando, garantindo visibilidade efêmera dentro do fluxo da *board*. No *TITS or GTFO*, a eficácia é ainda mais explícita: o ritual produz e controla quem pode ocupar o papel de "mulher" no 4chan, submetendo essa identidade a provas corporais e a humilhações subsequentes. Em todos os casos, o ritual é um mecanismo que produz formas de pertencimento e exclusão, um operador de subjetivação no interior do contexto performático 4chan. E também em todos os casos, existe um entretenimento, no observar das regras e seu cumprimento, e também no conteúdo que essas dinâmicas geram, como piadas, discussões ou ainda mais performances.

Há algo, porém, que atravessa todas essas cenas analisadas: o gênero. Mesmo quando a performance não tem esse elemento como seu tema explícito — como no caso do *lurk moar* — ele continua presente, estruturando expectativas, insultos, hierarquias e formas de classificar o outro. O novato é imediatamente marcado como *fag*; no *YLYL*, o humor frequentemente mobiliza marcadores de gênero, sexualidade e corpo; no *TITS or GTFO*, o gênero torna-se o próprio objeto da disputa performativa.

A assimetria de gênero que atravessa o /b/ pode ser aprofundada à luz de Sara Ahmed (2006): essas normas operam para tornar certos corpos — aqui também gêneros e performances — como familiares, naturais, parte do próprio espaço. Esses são os corpos alinhados, em linhas invisíveis, à orientação dominante que não precisam se mostrar nem justificar sua presença. No 4chan, o *anon* (masculino) ocupa exatamente essa posição: ele não é percebido como generificado, mas como o sujeito neutro que se estende pelo ambiente sem fricção.

Sua presença não demanda prova, verificação ou visibilidade — ela é o pano de fundo tácito que estrutura as cenas sem nem mesmo precisar de introdução. Já as performances que não se alinham à norma — aqui, qualquer indício de feminilidade — tornam-se imediatamente marcadas, visíveis, intrusas. Elas interrompem a linha da norma, exigindo autenticação e controle. O feminino surge sempre como uma aparição que precisa ser administrada, enquanto o masculino opera como horizonte invisível, naturalizado. No /b/, o gênero não é uma diferença entre dois polos; é uma diferença entre quem pode ser neutro e quem não pode.

O anonimato e a dissolução da identidade, e o estabelecimento deste sujeito "neutro" podem ser pensados como uma forma curiosa e bastante localizada de formação de pertencimento. Pensando em termos de Georges Battaile (2012), o que temos aqui são operações de aproximação à *continuidade*. No espaço anônimo, o sujeito dissolve-se na condição de *mais um anon*, abrindo mão — ainda que momentaneamente — da descontinuidade individual que caracteriza a vida social ordinária. Essa "fusão" dos sujeitos não é pacífica: ela se organiza como um jogo de interditos e transgressões, em que a própria estrutura do fórum funciona como acúmulo e liberação de excessos. O culto ao erótico, quase onipresente no /b/, não se reduz ao conteúdo sexual explícito, mas aparece como uma economia geral da transgressão: cada imagem, piada ou gesto que rompe interditos reforça o sentimento de pertencimento a uma comunidade que se afirma no excesso e na trangressividade que Bataille identifica como o cerne do erotismo. No /b/, a continuidade é alcançada pela corrosão da forma social que separa os indivíduos: o anonimato funciona como o sacrifício mínimo para que os sujeitos deixem de ser "um" e se tornem parte de uma torrente de impulsos que se autorizam mutuamente a transgredir.

Talvez seja por isso que o /b/ precisa produzir um neutro, um não marcado, uma massa indiferenciada de *anons* (masculinos cishétero) que funciona como horizonte contínuo da experiência. A continuidade battailiana exige a suspensão provisória das diferenças que nos constituem como seres descontínuos; qualquer marca visível, qualquer forma de alteridade explícita, reintroduz a separação e ameaça o movimento de fusão que o anonimato promete. A aparição do feminino nesse espaço opera exatamente como essa ruptura: ela trai a ficção de homogeneidade, reaparece como sinal de descontinuidade e, portanto, precisa ser tratada como outro. Para restaurar a continuidade, o feminino é imediatamente

convertido em objeto erótico — isto é, transformado em um corpo destinado à transgressão. Assim, a presença de um corpo não neutro, não hegemônico, obriga a comunidade a reinscrevê-lo como objeto descontínuo: sua mera existência já rompe o tecido contínuo do anonimato; só pode existir como aquilo que deve ser violado, ultrapassado, consumido. A erotização compulsória do feminino no /b/ é, portanto, o mecanismo necessário para reabsorver essa diferença na economia da continuidade batailliana.

4chan é um laboratório peculiar daquilo que Bataille descreve como estrutura fundamental da experiência erótica: a ambiguidade entre proibido e permitido, a necessidade de limites e o desejo de violá-los. No anonimato do /b/, os interditos não desaparecem — eles são explicitamente convocados para serem profanados. A obscenidade, a humilhação, o insulto, a sexualização compulsória: todos esses elementos operam como pequenos atos de ruptura que só produzem prazer porque há um limite social — das sociedades ocidentais — que os torna reconhecíveis como ruptura. O 4chan é um espaço que possibilita, e potencializa, a transgressão do que seriam regras em outros espaços, de uma forma que é conveniente e confortável e segura para os *anons*.

É preciso reconhecer, também, que mesmo as figuras aparentemente "submetidas" pelos rituais — *notafemboi* e a usuária que ofereceu vídeos de automutilação — também participam dessa lógica de transgressão. Ambos entram em cena provavelmente sabendo da infâmia do 4chan; sabendo que ali é possível ultrapassar limites que, fora dali, seriam moral, social ou corporalmente interditados. Eles(as) também operam um erótico, uma transgressão. A oferta de vídeos de automutilação é uma ação que mobiliza interditos, que se arrisca na zona de exposição do corpo e da dor. Da mesma forma, o novato que tenta performar pertencimento já o faz porque deseja participar desse erotismo, já que procura demarcar seu corpo, sua sexualidade e seus desejos logo em sua apresentação. Consideremos também as mulheres que, em alguns casos, cumprem a exigência do *TITS or GTFO*: ao revelar seu corpo para uma plateia notoriamente misógina, elas não apenas cedem ao ritual — elas participam dele, atravessam o interdito, produzindo uma cena erótica. Em todos esses casos, o erótico não é apenas aquilo a que o 4chan submete esses participantes; é algo que os próprios participantes buscam, convocam e performam ao entrar no jogo.

O 4chan existe desde 2003. Um espaço criado para discussão de *animes* em alguns poucos anos se tornou um dos mais notórios espaços online e uma das mais influentes subculturas digitais na esfera anglófona. Muitos memes e muitas histórias tiveram o 4chan como palco. *Ocupy Wall Street* em 2012 e *GamerGate* em 2014, dois eventos que por si só renderiam dissertações inteiras, e que operavam por orientações e objetivos opticamente opostos, começaram dentro do 4chan e mais tarde o extrapolaram, levaram consigo muitas das sensibilidades do que vimos aqui: performances, rituais, humor e transgressão.

4chan não é simplesmente um espaço onde “tudo é permitido”, mas um ecossistema performativo que institui suas próprias regras, limites e dramaturgias internas — dramaturgias essas que produzem significados, subjetividades e pertencimentos. 4chan é contraditório, mas nessas contradições que encontramos suas potências e sua influência. Mesmo no anonimato absoluto, a vida social continua sendo guiada por performances; e mesmo na continuidade encontrada no anonimato, hierarquias, preconceitos e autoritarismos permanecem, autorizados por uma nova forma de se fazer.

Referências Bibliográficas

4chan. Disponível em: <https://4chan.org/>. Acesso em: 30 out. 2025.

AHMED, S. **Queer Phenomenology: Orientations, Objects, Others**. Durham: Duke University Press, 2006.

ANONYMOUS. **Rules of the Internet**. Disponível em: <https://archive.org/stream/RulesOfTheInternet/RulesOfTheInternet..txt> Acesso em: 15 nov. 2025.

Archived.moe. Disponível em: <https://archived.moe/>. Acesso em: 30 out. 2025.

BATAILLE, G. **O Erotismo**. Autêntica, 2020.

DAWKINS, R. **O gene egoísta.** Editora Companhia das Letras, 2017.

Encyclopedia Dramatica. Disponível em: <https://edramatica.com>. Acesso em: 15 set. 2025.

JENKINS, H.; FORD, S.; GREEN, J. **Spreadable Media: Creating Value and Meaning in a Networked Culture**. New York: New York University Press, 2013.

LEITÃO, D. K.; GOMES, L. G. **Etnografia em ambientes digitais: perambulaçoes, acompanhamentos e imersões**. Antropolítica, v. 1, n. 42, 11 maio 2018.

HILLS, M. **Fan cultures**. London: Routledge, 2002.

SCHECHNER, R. **Performance Studies: An introduction**. 4. ed. London ; New York: Routledge, 2020.

STRATHERN, M. Cortando a Rede. **Ponto Urbe**, n. 8, 1 jul. 2011.

The /b/ Archive. Disponível em: <https://thebarchive.com/>. Acesso em: 9 dez. 2025.

PINK, S. et al. **Digital ethnography: Principles and practice**. London ; Thousand Oaks, California: Sage Publications, 2016.

SILVA, R. A. Entre “artes” e “ciências”: a noção de performance e drama no campo das ciências socias. **Horizontes Antropológicos**, v. 11, n. 24, p. 35–65, 1 dez. 2005.